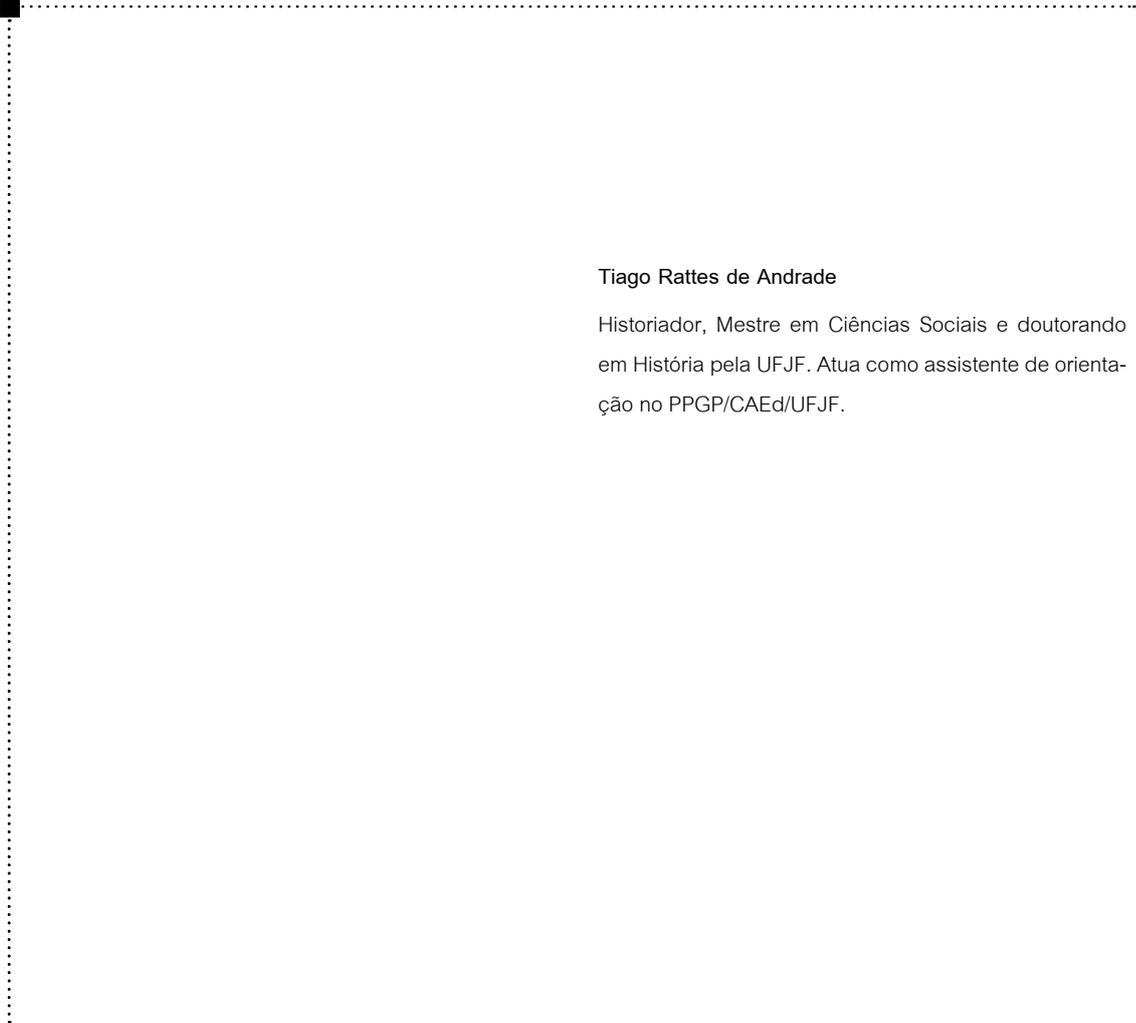


Conversando com adolescentes: possibilidades de construção de estratégias para a gestão escolar



Tiago Rattes de Andrade

Historiador, Mestre em Ciências Sociais e doutorando em História pela UFJF. Atua como assistente de orientação no PPGP/CAEd/UFJF.

Eu "to" satisfeita com minha escola. O ruim é que os alunos podem sair a hora que "quiser". Tipo assim, o portão não fica totalmente fechado, mas o ensino eu gosto. ("L", 16 anos)

O presente relato tem como objetivo apresentar reflexões nascidas de uma experiência de trabalho fora do ambiente escolar com adolescentes de Juiz de Fora MG. Embora o interesse inicial desse trabalho não se relacionasse com a questão da gestão escolar, tornou-se inevitável que as ações desenvolvidas acabassem por gerar um material que poderia ser compartilhado e transformado em uma reflexão mais geral sobre o tema da gestão. Sendo assim, o que apresento nas próximas linhas é uma breve narrativa sobre as possibilidades que a escola tem, por meio de sua equipe gestora, para penetrar de forma mais ampla no universo de seus educandos, conhecendo-os melhor e qualificando as ações da escola.

Um dos grandes desafios do mundo educacional nos dias de hoje, em especial para a gestão educacional, tem sido penetrar de forma efetiva no universo de vida dos educandos. Embora nas últimas décadas uma série de debates acadêmicos sobre gestão da educação tenha conquistado espaço, não só nas universidades, mas também no campo das políticas públicas para a educação, os componentes extraescolares continuam sendo um grande desafio para os gestores.

O quadro geral, neste início de século, é de, por um lado, melhoria dos indicadores básicos, devido à melhoria social da família, mudanças estruturais (urbanização, industrialização, mudanças no mercado de trabalho) e melhor desempenho do sistema escolar como um todo (SILVA e HASENBALG, 2000; SILVA, 2003).

Por outro lado, não há indícios de redução da estratificação educacional, ou seja, do efeito das origens sociais sobre o alcance educacional dos indivíduos. (MONT'ALVÃO, 2011, p. 393).

Se acreditamos que a gestão escolar não se limita apenas à gestão de recursos escolares, no sentido administrativo e burocrático, é fundamental aprofundarmos esse debate. Em artigo recente sobre o papel da gestão escolar na construção de uma escola pública e democrática no Brasil, Marcelo Baumann Burgos (2013) sustenta que é tarefa da gestão escolar participar ativamente dos processos sociológicos e da construção social do aluno. Segundo ele, a gestão escolar

precisa estar prevenida para as armadilhas que sua localização e o tipo de público que atrai produzem no seu cotidiano. Assim é que somente participando da construção do aluno poderá fazer valer o efeito escola. Para isso, precisará entrar no jogo da disputa de identidades, criando um clima escolar capaz de produzir sentimento de pertencimento. (BURGOS, 2013, p. 15).

De alguma maneira, é essa disputa de identidades e essa produção de sentimento de pertencimento – do qual a escola deveria estar incumbida, por meio de sua gestão – que me inspiraram a buscar, com o material que se segue, algumas reflexões.

A origem do campo de pesquisa

Em 2014, aceitei o convite da equipe de um CRAS (Centro de Referência em Assistência Social)¹⁴, localizado em uma região periférica da cidade de Juiz de Fora, para realizar, ao longo desse ano, uma oficina de criação literária. O público-alvo dessa oficina era composto por adolescentes de famílias atendidas por programas sociais dos governos federal e municipal. A grande maioria deles, oriundos de regiões pobres da cidade, aguarda a inserção produtiva, por meio de programas de estágio e de jovens aprendizes. O objetivo inicial da oficina era permitir que esses jovens tivessem contato com a poesia; e, posteriormente, com uma série de rodas de conversa e leituras, pudessem iniciar exercícios que permitissem a sua própria produção. Naturalmente, não havia a expectativa de formar poetas naquele momento, mas sim de oferecer uma iniciação artística que ofertasse a esses jovens novos mecanismos de conhecimento. Houve, desde o início, um grande apoio por parte da equipe do CRAS, e uma aceitação substancial das oficinas, por parte desses adolescentes.

Passados os primeiros meses, resolvemos que deveríamos avançar na proposta de trabalho. Minha percepção, naquele momento, era a de que as histórias de vida dos participantes da oficina mereciam ganhar destaque em nosso trabalho, tendo em vista o que seus escritos apontavam ao longo das oficinas. Sendo assim, a primeira ideia foi a de registrar em vídeo um pouco dessa trajetória, com pequenas entrevistas. Foi assim, portanto, que foi construído o material que deu origem a esse texto.

Ao tomar a decisão de realizar as sessões de entrevista, já tinha em mente que alguns desafios se colocariam: o primeiro deles era conseguir obter dados desses adolescentes. Por mais que eu não fosse visto como um “pesquisador” por eles, era inevitável que existisse, em alguma dimensão, uma resistência a tratar de forma clara e objetiva sobre suas próprias vidas com um “quase” estranho. Tendo em vista esse desafio, preparei um roteiro para as entrevistas, dialogando com alguns fundamentos de técnicas de entrevista em profundidade, mas sempre buscando o objetivo de fazer com que aquele momento não ganhasse qualquer aspecto formal que pudesse constrangê-los ou fazer com que se fechassem às perguntas.

A construção do roteiro dessas entrevistas surgiu de uma indagação que a um primeiro olhar pode parecer simplória: quem são esses adolescentes?

14. O CRAS é a porta de entrada da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social brasileiro. Entre os programas desenvolvidos nesse espaço público está o Proteção e Atendimento Integral à Família (Paif) que visa, de forma continuada, dar assistência às famílias em busca da garantia de seus direitos. Com o objetivo de preservar a identidade dos adolescentes, manteremos em sigilo a localização dessa unidade, bem como os nomes de profissionais e adolescentes envolvidos nesse trabalho.

Naturalmente, essa pergunta central se desenrolava em algumas outras, mais específicas, que nos poderiam permitir entender como enxergavam elementos fundamentais da vida de um adolescente como a escola, a família, as amizades e demais vivências sociais em especial. Mas, na tentativa de construir um roteiro mais experimental, resolvi que eles deveriam elaborar ao menos três questões que eles gostariam de responder. A ideia é a de que eles escolhessem perguntas que ninguém nunca havia feito para eles, ou que simplesmente teriam prazer de responder. Nem todos escreveram as três questões, mas podemos considerar que essas questões escolhidas por eles propiciaram bons momentos nas entrevistas.

A todo momento eu tinha consciência plena de que o papel que eu exercia junto àqueles adolescentes poderia interferir de alguma maneira nas entrevistas. Nesse período em que estive realizando a oficina, muitos deles construíram laços positivos comigo, e minha primeira preocupação era a de que tentassem, de alguma maneira, construir, em suas falas, discursos que fossem direcionados à tentativa de me impressionar ou para me agradar. Sendo assim, dois desafios estavam colocados: vencer a timidez de alguns diante do registro da entrevista, e deixá-los à vontade o suficiente para que fossem sinceros em suas respostas. Obviamente, esse desafio não inviabilizaria de forma alguma a qualidade dos dados. Em alguma instância, a forma como esses adolescentes constroem sua imagem, mesmo que cercada de intencionalidade, poderia servir para que entendêssemos ainda mais suas vidas.

Outro desafio era evitar estender por demais as entrevistas. De forma diferente de pesquisas de campo de caráter mais acadêmico, nas quais o pesquisador precisa a todo custo obter dados, e muitas vezes lida com atores diferentes dos que eu estava lidando, era necessário que eu tivesse o cuidado de não tornar esse momento chato ou inconveniente para esses adolescentes. Sendo assim, a todo momento havia a preocupação de tomar o devido cuidado com o fato de que iria tratar com coisas corriqueiras de suas vidas, mas que poderia despertar lembranças e sentimentos que deveriam ser respeitados. Isso, naturalmente, tem efeito nos dados. Mas o objetivo aqui, como já disse anteriormente, não é produzir uma etnografia desses adolescentes, ou uma pesquisa que fundamente grandes reflexões sobre os dados, mas antes de tudo apontar possíveis caminhos a outros pesquisadores sobre as possibilidades que uma experiência como essa poderia ter para subsidiar outras ações em um ambiente escolar.

Os dados aqui apresentados dizem respeito às cinco primeiras entrevistas realizadas. As outras ocorreram no dia seguinte, depois que os que foram entrevistados no primeiro dia conversaram com os que ainda iriam participar. Embora isso não inviabilizasse o uso destas, optei em definir esse recorte na tentativa de apresentar as vozes desses adolescentes sem qualquer tipo de filtro.

As entrevistadas

“A” tem 17 anos, usa óculos de grau, um boné para trás e uma camiseta rosa. Aparentemente tímido, costuma ficar mais calado e com um semblante sério. Uma das poucas vezes que o vi sorrir foi durante essa entrevista. É aluno de uma escola municipal e cursa o nono ano. Apesar do jeito, não se considera tímido. Mora com a mãe e mais três irmãos. Considera que tem uma boa relação com todos eles. Entre suas obrigações no cotidiano familiar, está a de ajudar a cuidar dos irmãos. Assim como boa parte das famílias que vivem nas periferias do Brasil, a família de “A” divide o terreno da casa com outros parentes. Segundo ele, a tia mora no quintal, em uma casa logo atrás da dele. Considera que a relação entre todos é boa. Quando o assunto é a felicidade, ele parece sereno e afirma que se considera um adolescente feliz. Quando o indago sobre qual era a maior felicidade dele na vida, ele afirma sem pestanejar que é a família, embora não soubesse dar exemplos claros do que o fazia feliz nessa convivência. Quando pergunto sobre o bairro em que ele vive, um dos maiores da periferia da cidade, e área tradicional de vulnerabilidade social, ele afirma que gosta de viver ali; diz que nunca viveu em outro lugar. Quando cito alguns problemas ocorridos no bairro nos últimos meses, que haviam sido notícia nos meios de comunicação locais, ele dá a impressão de que desconhece os fatos e aparenta se preocupar pouco com isso. Fica claro que a forma como essas coisas chegam para a maioria da cidade não o afeta da mesma maneira. Sobre a rotina no bairro com os amigos, ele resume: “Nós ‘cresceu’ tudo junto”. Ficam em frente de casa conversando e de vez em quando dão um “rolé” pelas ruas do bairro. Quando questionado sobre o futuro, o que espera da vida, ele responde rapidamente que gostaria de trabalhar. Segundo ele, se trabalhar “vou ajudar minha família, comprar as coisas para eles”. E se pudesse escolher em que se formar, o que faria? Ele pensa por alguns segundos e demonstra um semblante de dúvida. Curiosamente, essa era justamente a questão que ele havia escolhido para responder. Passado esse tempo, ele diz “montador de carro”. A justificativa é a de que gosta de carros e acha que esse deve ser um emprego bom. Sobre sua rotina, ele diz que acorda às seis horas da manhã; às dez para as sete, vai para a escola; e volta às onze. Nos dias de quarta e sexta, vai para o CRAS, na parte da tarde, participar das atividades. Perguntado sobre a importância do Centro em sua vida, ele é categórico: “O CRAS me tira da rua”.

“L” tem 16 anos e é uma das meninas mais comunicativas do grupo. Usa roupas coloridas, maquiagem e acessórios. Estuda em uma escola estadual, onde cursa o primeiro ano do Ensino Médio. Quando questionada sobre a relação com a escola, ela diz: “Eu ‘to’ satisfeita com minha escola. O ruim é que os alunos podem sair a hora que ‘quiser’. Tipo assim, o portão não fica totalmente fechado, mas o ensino eu gosto”. Um dos momentos em que ela mais se solta é para responder à pergunta que ela mesma escolheu: o que você define como amor? “O amor é uma coisa muito grandiosa, sabe? Porque você falar que ama uma pessoa, nossa! Até hoje eu só vi amor de mãe! A pessoa tem que ser, nossa, muito importante mesmo.” Uma das coisas

que “L” percebe é que ela chama a atenção das pessoas na rua. Segundo ela: “Acho que as pessoas me olham muito porque meu cabelo é colorido”. Pergunto se ela se acha bonita. Ela diz que sim e confirma que é uma pessoa muito vaidosa. Segundo ela, essa preocupação com a aparência vem do fato de querer causar uma boa impressão nas pessoas, principalmente naquelas que a veem pela primeira vez. E como definira seu estilo? “Bom, tem dia que estou mais pra *funk*, tem dias que eu estou mais pra rockeira”. Outra questão que ela havia elaborado era sobre o que ela achava de ouvir música e sonhar. Nesse momento, ela fica séria e diz que “infelizmente não é um mundo que a gente vive esse que a gente sonha”. Segundo ela, a música a levava para um lugar a que não pertencia. Como exemplo, ela cita o *rapper* paulistano “Projota”, muito popular para essa faixa etária, e que, segundo ela, canta umas “músicas de amor”, apesar de falar da realidade dura da vida. Pergunto então como ela vê essa questão de amor. Abrindo um sorriso, ela diz: “Quando eu falo que amo eu falo por que amo, não sou de ficar escondendo essa parte”. Sobre a convivência com os meninos, diz nunca ter sido desrespeitada e ter boa relação com os amigos homens, mas acha que “não é bom falar de namoro com os meninos”, já que ela, por ser menina, “não vai falar o que eles querem ouvir”. Quando o assunto é o futuro nos estudos, ela aparenta muita segurança. Diz que quer fazer uma faculdade, mas ainda não definiu uma coisa que queira mesmo. Segundo ela, “gosta muito de trabalhar com o corpo, acha que se daria bem com Educação Física”. Por fim, pergunto sobre o grande sonho: “Dar um bom futuro para minha família. Assim como minha mãe cuidou de mim, eu tenho que cuidar dela. Acho muito bonito ter uma família”.

“B” tem 14 anos e é a mais tímida e discreta do grupo. Desde o início, foi uma das que mais resistiu a se integrar e participar das atividades, apesar de ter uma boa relação com os demais colegas. Estuda em escola estadual, onde cursa o oitavo ano, e considera que é bom estudar nessa escola e que não tem do que reclamar. Vive desde que nasceu no mesmo bairro, também na periferia de Juiz de Fora, mas acha longe. Se queixa de que a distância para o centro muitas vezes atrapalha a realização de atividades simples do cotidiano. Ao ser questionada sobre sua rotina, ela diz que “vai na escola, vai pra casa e depois encontra o namorado”. Mora com os pais e é uma das poucas que não tem irmãos. Define como boa a relação entre os três. Quando pergunto como ela imagina que estará no futuro, ela diz: “acho que vou estar fazendo faculdade de Educação Física e vou estar morando com meu namorado, casada já, eu acho”. E por que da escolha da Educação Física? “Eu gosto de esporte, principalmente vôlei”. A questão escolhida por ela era: como você gostaria que fosse a sua história? Ela sorri pela primeira vez na entrevista e muda o tom de voz, até então baixo, para um tom mais alto, e afirma: “Acho que minha história vai ser estar do lado de quem eu gosto, de quem eu amo, de quem me dá valor”. Ela acha que o dia mais feliz da sua vida será o dia de seu casamento. Pergunto como ela imagina que seria esse casamento:

“Ah, eu acho que tem que ser na igreja, né?”. Pergunto se ela é católica e ela se diz “mais ou menos católica, mas gostaria de casar na igreja”. Retomo outra questão elaborada por ela: por quem você daria a sua vida? E a resposta: “Pela mãe. Por causa do jeito que minha mãe cuida de mim”.

“C” tem 15 anos e cursa a sétima série em uma escola estadual. Também usa boné, camiseta regata, e tem um tom de voz baixo, que contrasta com sua altura. Mora no mesmo bairro desde que nasceu. Acha o bairro bom, mas afirma que “tem o problema das drogas”. Eu pergunto como esse problema chega até ele. Ele diz que vê pela rua, e eu pergunto se alguém já ofereceu algo ou aos amigos dele: “Me oferecer eles não me oferecem não”. De vez em quando eu até falo com eles (amigos), “Não mexe com isso não”. Quando questionado sobre gostar da escola, ele reluta em dizer algo, fica um tempo pensativo, e diz que “até gosto”, mas se acha “mais ou menos estudioso”. Quando pergunto se ele namora, ele diz que não. Segundo ele, “Ainda não conheci uma menina bacana”. Sobre sua rotina: “Eu durmo cedo, as vezes às oito horas, em casa eu vejo televisão, acordo seis e meia, volto às onze e fico em casa”. Quando pergunto sobre a família, ele aparenta não querer tratar muito do assunto. Diz rapidamente que tem irmãos, mas que não moram com ele. Já quando o assunto é a mãe, ele parece estar mais à vontade, e diz sorrindo que a relação com a mãe é boa, “mas tem hora que tem uns ‘conflito’. Tipo, às vezes ela pede para eu fazer alguma coisa e eu ‘to’ ocupado, aí já viu, né”. A pergunta que “C” escolheu era sobre quem ele considerava um exemplo de vida. E a resposta em alguma medida me surpreendeu, porque foi o primeiro deles que apresentou alguém de fora da família como grande referência na vida. Diz ele: “Meu colega, que mora lá no bairro. Ele é gente boa, agora virou pastor, ele não é de confusão, faz coisas certas, dá umas ideias maneiras”. Em toda a entrevista, um dos momentos em que ele mais se soltou foi para falar sobre esse amigo, demonstrando realmente projetar nele algum exemplo de comportamento. Sobre os sonhos para o futuro: “Ah, eu queria ter um emprego bom, e um carro bacana”. Pergunto quais são os planos que ele tem para a vida nesse momento, e ele diz que está querendo “servir o quartel”, e que, apesar de ainda não ter trabalhado na vida, está à procura de um emprego: “Vai ser bom trabalhar, vai até me tirar um pouco da rua”.

“AC” tem 16 anos e estuda em escola estadual, onde cura o segundo ano do Ensino Médio. Quando pergunto sobre o bairro onde vive, ela diz que gosta de viver lá, e espontaneamente resolve tratar dos problemas do lugar: “Como eu cresci lá, eu sei o que acontece, por um lado é ruim, as notícias de morte, e tal, mas está melhorando”. Sobre a vida escolar, considera-se estudiosa, diz gostar da escola e não ter nenhum tipo de queixa do ambiente. Uma das primeiras questões que ela escolheu foi: se você pudesse voltar no tempo, o que mudaria em sua vida? Segundo ela, “deixaria de fazer coisas que fez”, mas surpreendentemente diz que não gostaria de contar que coi-

sas são essas. Aparentemente, ela não abre espaço para que eu insista em saber exatamente o que ela pensa sobre isso, e, sendo assim, avançamos para as próximas questões. Pergunto sobre os estudos, se ela tem vontade de ir para a universidade. Ela afirma que gostaria de fazer Direito e explica: “A patroa da minha mãe é advogada, eu gosto do trabalho que ela faz, eu me interessei”. A próxima pergunta escolhida por ela foi “O que faria para melhorar o mundo?”. Embora ela tenha escolhido essa questão, a resposta é um pouco ampla demais. Diz que poderia “não jogar lixo no chão, tentar ajudar meus amigos a não fazer coisas erradas”. Quando questiono sobre as coisas mais importantes de sua vida, ela fala da mãe e diz que daria a vida por ela. Nesse momento, ela embarga um pouco a voz, demonstrando que esse é um assunto que desperta emoções. “Minha mãe é guerreira. Quando eu preciso das coisas e ela não pode me dar, ela dá um jeito, pede pra minha vó ajudar”. Peço que ela fale mais sobre sua rotina, seu cotidiano e o primeiro assunto que ela aborda é a música. “A minha vida praticamente é ouvir música. Eu ouço muita música, coloco fone de ouvido, vou pra escola ouvindo música.” Pergunto se ela toca algum instrumento: “Eu comecei a aprender violão na igreja quando eu tinha uns onze anos, hoje toco menos mas ainda toco quando vou na igreja”. Sobre como ela se imagina em um futuro próximo: “Vou estar mãe, vou ter meu trabalho digno, vou ter meu lugar, meu cantinho”. Percebo que ela mudou a expressão quando falou sobre ter sua própria casa e peço que ela fale mais sobre isso. Ela explica: “Porque o meu irmão, como eu posso falar, vou partir dele, ele mora lá em casa até hoje, ele tem 28 anos. Eu não vou fazer o mesmo que ele”.

Considerações finais

As falas desses adolescentes nos remetem a alguns elementos comuns: existe entre eles uma centralidade de referência na escola e na família. Guardando as devidas proporções, em algum momento, essas instituições são, para eles, um elemento decisivo em suas escolhas e condutas.

No caso da escola, não existe uma fala de satisfação total. É curioso perceber que o gostar da escola está sempre relacionado com algum porém, ou não vem seguido de grandes adjetivos que nos permitam aferir que existe um grande prazer ou um sentimento claro de identificação com a escola. Os indícios nos mostram que, para esses adolescentes, inúmeras outras instâncias da vida ainda competem fortemente com a escola em busca de sua atenção e de seu imaginário de prazer, felicidade e realização.

A família, por exemplo, é para todos eles um espaço de segurança e fortalecimento. É na família que eles encontram boa parte da projeção de seus sonhos, como é o caso da adolescente que quer ter um emprego para cuidar de sua mãe, que ela cuida tão bem dela. Ou do adolescente que quer ser

montador de carros para poder ganhar dinheiro e ajudar sua família. A família também é espaço para conhecer os exemplos do que não se quer, como no caso daquela que quer ter sua casa quando mais velha, para não repetir o papel do irmão que, segundo ela, já é velho demais para morar com os pais.

Embora alguns reconheçam que seus bairros guardam algum tipo de perigo, existe um sentimento de pertencimento e identificação que faz com que, para eles, os problemas sejam menores do que muitas vezes se demonstra no modo pelo qual a opinião pública trata a periferia. O bairro é o lugar do encontro com os amigos, do “rolé”, das conversas, da construção de amizades, da experiência de conhecer o certo e o errado (como no caso do adolescente que vê a droga e sabe que o perigo existe).

Como podemos ver, aproximar-se do universo dos estudantes pode ser um exercício muito interessante que não demanda grandes esforços nem recursos da equipe gestora das escolas. Ainda que com uma amostragem reduzida, podemos aqui apontar elementos interessantes que poderiam subsidiar algumas ações de uma escola em relação a seus alunos. Isso significa compreender melhor suas preferências, a forma como se relacionam com seu território, o espaço que a própria escola ocupa em seu imaginário e como esses fatores interferem na projeção de futuro que eles constroem. Mais do que nunca esses fatores tornam-se fundamentais se queremos avançar na construção de um ambiente escolar democrático e justo. E indiscutivelmente essa é uma tarefa para a gestão escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fátima. Escolhas Familiares, Estratificação Educacional e Desempenho Escolar: Quais as Relações? **DADOS** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, 2010, p. 447 a 468.

BURGOS, Marcelo Baumann. Dimensões institucionais da gestão escolar. **Revista Pesquisa e debate em educação** – Programa de Pós Graduação em Gestão da Educação Pública/UFJF, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, 2013, p. 10-23.

MONT'ALVÃO, André. Estratificação Educacional no Brasil do Século XXI. **DADOS** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, 2011, p. 389 a 430.